

INTRODUÇÃO

INTRODUCTION

Ângela Santos

Universidade de Lisboa
angela.santos@campus.ul.pt

Luciano Lourenço

Universidade de Coimbra
luciano@uc.pt

Portugal continental tem registado uma baixa frequência de sismos de elevada magnitude (acima de 7,0), com o último deles a ocorrer a 28 de fevereiro de 1969, ou seja, há mais de quarenta e seis anos.

Todavia, é muito provável que, no futuro, possa vir a ocorrer um sismo de elevada magnitude e com potencial para causar danos e vítimas. No entanto, até ao presente, o terramoto de Lisboa de 1755 foi, sem dúvida, a maior catástrofe natural que ocorreu em Portugal, tendo-se registado mais de 12 000 vítimas, razão porque decidimos evocá-la.

De facto, neste ano de 2015 decorrem precisamente 260 anos sobre a data deste evento histórico, pelo que nos pareceu oportuno preparar uma publicação que possa transmitir algumas das lições aprendidas, bem como o esforço que tem sido conduzido no país de molde a minimizar os impactes de um futuro sismo com características semelhantes, incluindo o conseqüente maremoto (*tsunami*).

Deste modo, o livro que se apresenta e que será apresentado publicamente no Simpósio Ibero-Afro-Americano de Riscos, precisamente quatro dias depois da efeméride a que diz respeito, é o resultado da colaboração de vários autores, para o qual amavelmente contribuíram com trabalhos que desenvolveram em

várias regiões do país, permitindo assim mostrar uma maior distribuição espacial no território português do continente, de estudos dedicados aos riscos sísmico e de *tsunami*, preferencialmente relacionados com o evento de 1755.

Acresce que os autores possuem uma formação diversificada em vários domínios de especialização, quer em termos das comunidades científica e escolar, quer no que concerne ao planeamento e gestão da emergência e, em particular, no que à Autoridade Nacional de Proteção Civil e aos Serviços Municipais de Proteção Civil diz respeito.

O livro começa, pois, com uma reflexão sobre o terramoto de 1755, onde se recordam, sumariamente, os factos do dia 1 de novembro, com referência especial aos registados em Lisboa. Enumeram-se ainda as possíveis consequências de uma repetição de um sismo semelhante ao de 1755 e são apresentadas algumas sugestões práticas para minimizar danos futuros.

O capítulo seguinte revisita igualmente o sismo de 1755, mas também um anterior, de 1531, igualmente registado na cidade de Lisboa, mas, agora, sob a perspetiva da Medicina de Catástrofe e sobre o modo como foram geridas as operações de socorro para a imediata recuperação da cidade.

Depois, tendo em conta que após este terramoto, a construção antissísmica se foi generalizando em Portugal, ainda subsistem, como é do conhecimento geral, algumas estruturas e infraestruturas eventualmente vulneráveis a sismos de elevada magnitude, sobretudo em termos de edificado antigo, o que pode levar ao seu colapso, total ou parcial, comprometendo o funcionamento societal. Assim, o terceiro capítulo apresenta, de uma forma resumida, o planeamento de emergência como preparação prévia para resposta a eventos sísmicos de elevada magnitude, em particular na Área Metropolitana de Lisboa.

Do mesmo modo, em paralelo com a preparação dos agentes da emergência, é importante que a população em geral tenha conhecimento do risco sísmico existente na sua área de residência, bem como dos procedimentos básicos que deve adotar em caso de emergência. Nesse sentido, o capítulo seguinte mostra a importância da informação, sensibilização e formação dos cidadãos, para a redução do risco sísmico no município da Amadora.

Nesta conformidade, no capítulo quinto, são também apresentadas as ações realizadas no município de Vila Nova de Gaia, relacionadas não só com o risco de sismos e *tsunamis*, mas também com o de incêndios que, muitas vezes, ocorrem na sequência da manifestação do risco sísmico, através dos tremores de terra.

Adicionalmente, no capítulo sexto, apresenta-se e avalia-se o conhecimento da cultura de segurança numa comunidade educativa (Escola Secundária Eça de Queirós, Lisboa), com o objetivo de definir medidas eficazes de prevenção de riscos, em especial incêndios e sismos, nas escolas portuguesas.

A seguir, o capítulo sétimo dá a conhecer o potencial da simulação que é apresentado, de forma sumária, no cálculo da intensidade sísmica do tremor de terra de Benavente, registado em 1909.

Porém, o investimento em políticas de mitigação do risco sísmico é fundamental para controlar a extensão dos danos provocados no edificado, reduzindo-se, deste modo, as perdas sociais e económicas, como se apresenta no capítulo oitavo, onde se dá conta de várias soluções para recuperar e reabilitar o edificado existente, num estudo de caso aplicado a um bairro histórico da cidade de Faro.

Seguidamente, são considerados os efeitos de um maremoto (*tsunami*) semelhante ao ocorrido em 1755, que se apresentam nos dois capítulos seguintes. Assim, enquanto o nono versa sobre a vulnerabilidade relativa à inundação por *tsunami* nos municípios da Figueira da Foz, Setúbal e Vila do Bispo, o capítulo décimo aborda o risco de *tsunami* nos municípios de Peniche e da Lourinhã.

Por fim, nos dois últimos capítulos, apresenta-se a assinatura geológica deste evento histórico. Deste modo, no capítulo und cimo discutem-se os registos sedimentares do *tsunami* que foram descobertos na Boca do Rio, no município da Vila do Bispo, ao passo que no capítulo duodécimo e último, se problematizam os registos sedimentares do *tsunami* descobertos em Lisboa (novo Museu dos Coches), bem como os grandes blocos encontrados no topo de arribas, em Odemira (na área de Malh o), cujo transporte estará, muito provavelmente, associado ao maremoto de 1755.